

DECIFRA 2025

Questão 1 - FASE 1 (O Peso da Evidência)

HISTÓRIA

1. Analise as pinturas de Benedito Calixto (1893) e Oscar Pereira da Silva (1889) que retratam a Proclamação da República no Brasil. Considerando as escolhas estéticas, a composição cênica e os debates historiográficos sobre o evento, avalie as alternativas abaixo e atribua pontuações (0, 1, 4 ou 5) conforme a profundidade da análise e sua relação com os significados políticos e simbólicos das obras.



Proclamação da República. Benedito Calixto, 1893.



Proclamação da República. Oscar Pereira da Silva, 1889.

Alternativas:

A) A obra de Calixto, ao utilizar uma perspectiva linear que conduz o olhar para Deodoro da Fonseca em posição elevada, reforça a noção de uma ruptura institucional ordenada, enquanto a composição fragmentada de Pereira da Silva, com múltiplos grupos em ação simultânea, sugere uma tentativa de representar o evento como processo social mais amplo, ainda que ambos os artistas mantenham o Exército como ator central.

B) A diferença fundamental entre as obras reside no uso da cor: Calixto emprega tons sóbrios para transmitir solenidade, enquanto Pereira da Silva utiliza cores mais vibrantes para sugerir popularidade, mostrando como elementos puramente estéticos podem alterar a percepção de um mesmo evento histórico.

C) Ambas as pinturas falham como documentos históricos por não representarem a participação das mulheres, dos negros libertos e dos imigrantes no processo republicano, limitando-se a retratar figuras das elites políticas e militares de forma acrítica.

D) A pintura de Pereira da Silva, ao incluir civis anônimos em segundo plano, revela uma preocupação em democratizar a memória do evento, enquanto a obra de Calixto, com sua ênfase na figura isolada do marechal, serve claramente aos interesses do grupo militar que buscava controlar a narrativa fundadora da República.

DECIFRA 2025

Questão 2 - FASE 1 (O Peso da Evidência)

PORTUGUÊS

2. Analise as quatro obras abaixo (o poema, a resenha crítica, a pintura, a citação), procurando compreender os possíveis pontos em comum entre elas. Em seguida, leia atentamente as alternativas abaixo (A, B, C e D), atribuindo pontuações conforme a profundidade da análise e sua relação com os significados literais e figurados do tempo.

Considere:

0 – Análise repleta de equívocos.

1 – Análise plausível, porém com foco equivocado.

4 – Análise muito bem feita, mas pouco abrangente.

5 – Análise excelente.

Texto 1:

O RELÓGIO (Artur Azevedo)

Quando não vens, formosa desumana,
E, saudoso de ti, sem ti me deito,
Fica tão esperançoso o nosso leito,
Que me parece o campo de Sant'Ana!

Quando não vens, oh, pálida tirana,
Torna-se lúgubre o quartinho estreito!
Com muitas flores, flor, debalde o enfeito:
Falta-lhe a flor das flores soberana.

Se vens, é natural que isso me apraza;
Mas, se não vens, quanta amargura, quanta!
As próprias coisas sentem n'esta casa!

É o relógio, porém, que mais me espanta,
Pois, se não vens, o mísero se atrasa,
E, se vens, o ditoso se adianta!

Texto 2:

Os relógios que se derretem representam um tempo que passa de forma diferente. Ao contrário dos relógios normais, que marcam com precisão a passagem dos segundos, estes relógios de Dalí possuem marcações distintas, pois os seus ponteiros estão derretidos e trazem uma noção distorcida dos segundos.

Quando olhamos para os relógios, reconhecemos este objeto, porém, ele nos causa estranheza, pois está destituído do seu formato e uso convencionais. Essa estranheza gera uma reflexão sobre o próprio objeto e a sua função.

<https://www.culturagenial.com/a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali/>

Texto 3:



A persistência da memória. Salvador Dali, 1931.

Texto 4:

Todos conhecem a célebre constatação de Santo Agostinho, expressa em As confissões: “[O que é, pois, o tempo?] Se ninguém me pergunta, eu o sei; mas se me perguntam, e quero explicar, não sei mais nada.” (1964, XI, 14, 17) Portanto, é um saber que só se tem antes de se pensar nisso.

Olga de Sá.

Alternativas:

A) No soneto “O Relógio”, Artur Azevedo reflete sobre como o tempo se torna subjetivo diante da paixão: o relógio se demora quando a amada não vem e se apressa quando ela está presente, revelando que o amor distorce a percepção temporal. A presença ou ausência transforma o ambiente e os sentimentos, mas é o tempo — normalmente impassível — quem mais sofre essa influência. O poema sugere que, para quem ama, o tempo não é medido por horas, mas por emoções.

B) “A Persistência da Memória”, de Salvador Dalí, representa a subjetividade universal das sensações, ao se valer do relógio (ferramenta objetiva) para representar o universo onírico. Em alguns aspectos, ali o artista parece dialogar com a inquietação que tanto incomodou Santo Agostinho, oferecendo – não só a ele, como também a Artur Azevedo – uma espécie de resposta que lhes acalme as angústias.

C) Em todas as obras mencionadas vemos referência à primeira pessoa. Em “O relógio”, o eu lírico dialoga com um interlocutor, lamentando sua ausência e ansiando por algum reencontro. Na resenha, o autor nos convida a olhar a pintura, formando conosco uma espécie de ser plural – um “nós”. Na pintura, bem na região central, vemos uma espécie de autorretrato de Salvador Dalí – como se dormisse protegido por uma coberta feita de relógio. Na citação de Agostinho, vemos a marca da subjetividade no uso, por exemplo, de “não sei mais nada”.

D) O que é, pois, o tempo? Essa pergunta filosófica não demanda uma resposta direta, imediata, taxativa, mas sim – ou talvez – uma reflexão sobre nossa própria capacidade de questionamento daquilo que, até certo ponto, poderia ser inquestionável. Pensar um relógio com vontade própria ou que talvez se cansasse de ser (tido como) infalível é uma forma de atualizar a inquietação agostiniana, seja na forma de uma metáfora amorosa, um devaneio artístico ou a tentativa de compreender esses símbolos.

DECIFRA 2025

Questão 3 - FASE 1 (O Peso da Evidência)

FÍSICA

3. Imagine um apagador de lousa apoiado sobre a calha para giz/canetas. Eis então que seu professor de física dá um empurrão no apagador, fazendo-o se deslocar um pouco ao longo da calha. Durante esse breve movimento, a mão do professor somente toca o apagador para dar o impulso inicial, ou seja, **o professor não mantém contato com o apagador durante todo o movimento**. Por esse motivo, o apagador percorre apenas alguns centímetros ao longo da calha e logo em seguida cessa seu movimento. A respeito desse movimento, foram feitas uma série de afirmações, todas com um determinado grau de veracidade, mas algumas com um grau maior do que outras. Sua tarefa é atribuir 0, 1, 4 e 5 para as afirmações. Todos os valores devem ser utilizados e existe uma única sequência correta.

Considere:

- 0 – Explicação totalmente equivocada.
- 1 – Explicação com muitos equívocos.
- 4 – Explicação com algum equívoco.
- 5 – Explicação excelente.

Alternativas:

A) Durante o deslocamento do apagador, atua nele apenas a força que o professor fez, mas essa força “acaba” e o apagador, portanto para de imediato.

B) Enquanto a mão do professor ainda está em contato com o apagador, existem duas forças atuando: uma propulsora para frente e o atrito para trás. Quando o contato é interrompido, passa a atuar apenas o atrito, que é a força responsável por frear o apagador até que ele pare.

C) Enquanto a mão do professor ainda está em contato com o apagador, atuam sobre esse objeto duas forças: a propulsora para frente e o atrito para trás. Quando o contato é interrompido, pela Lei da Inércia, a tendência seria que o movimento se mantivesse para frente, mas, por conta do atrito ainda atuante, o objeto é freado até parar.

D) Enquanto a mão do professor ainda está em contato com o apagador, atuam sobre esse objeto duas forças: a propulsora e o atrito. Quando o contato é interrompido, pela Lei da Inércia, a tendência é que o corpo retome seu estado natural de movimento, que é o repouso.

Questão 3 - FASE 1 (O Peso da Evidência)

INGLÊS

4. A breakthrough discovery.

Zombie fungi (a kind of *Ophiocordyceps*) have a morbid reputation for a reason. The fungus infects an ant and lies in wait, silently unleashing biochemical warfare. When environmental conditions are right, the fungus compels the infected insect to climb high, to where the light is just right (often at noon), latch onto a leaf, and wait for the fungi to shoot a fruiting body out of the ant's head, releasing spores that find new hosts and continue the cycle. Many ants can be infected at the same time.

"The creepy thing is, they congregate together, so we get these graveyards," said Charissa de Bekker, a mycologist at Utrecht University in the Netherlands. "We don't really know why."

Evolution has uniquely paired each species of zombie fungus with a single species of insect. This relationship is mostly seen in ants, but a group of scientists recently learned that fungi can create zombie spiders and wasps.

"Zombification of arthropods by fungi might be more common and diverse than we think," scientist Araújo said.

But in 2018, scientists uncovered a secret: sometime in the past, some *Ophiocordyceps* made an evolutionary one-eighty and became an asset for their host, supplying them with amino acids instead of filling their heads with fungus. It's this surprising ability to switch from parasite to symbiont that's at the heart of Araújo's research. If the host insect is a pest, like an aphid, killing the fungi would kill the insect. Farm managers could apply a fungicide that would only target the fungus, leaving other organisms untouched.

"The same fungal lineage can be a host-killing parasite and a nutritional symbiont," Araújo said. "This is really mind-blowing."

But this tool will require years of research to develop. There are at least 320 species of *Ophiocordyceps*; not even two dozen of those have been studied in detail, and scientists are still learning how those work.

How would it work?

Aphids, so-called sap-sucking insects, began relying on symbiotic bacteria to get essential nutrients and proteins from plants at least 300 million years ago. At some point after that, their bacterial partners were replaced with *Ophiocordyceps*. But the fungi didn't kill them. Instead, they were helpful symbionts.

"Without these symbionts, the insects die," Araújo said. His idea is simple: kill the fungus, kill the pest. The perfect weapon, designed by nature and time.

<https://www.nationalgeographic.com/environment/article/zombie-fungi-research-pest-control>

A. The text highlights the complex relationship between *Ophiocordyceps* fungi and their insect hosts, especially ants and aphids. What's fascinating is the way evolution transformed a deadly parasite into a symbiotic partner, which shows how adaptable life forms can be over time. The discovery that some fungi now help aphids survive by providing nutrients rather than killing them has real-world implications: it could lead to eco-friendly pest control methods. The idea that the same lineage can both kill and nourish depending on the context is not only scientifically interesting, but it also raises ethical and ecological questions about how we interfere with natural systems. This kind of discovery shows that nature is more dynamic and interconnected than we often assume.

B. The text presents a fascinating case of how fungi, especially the *Ophiocordyceps* group, interact with insects in nature. One aspect that stands out is the zombie-like control the fungus has over ants, manipulating them to behave in ways that help the fungus reproduce. This alone is interesting from a biological perspective, but the real breakthrough is that some fungi evolved into symbiotic partners for certain insects, like aphids, offering them essential nutrients. This challenges the idea that parasites are always harmful and shows how organisms can evolve in unexpected ways.

The text also hints at potential agricultural uses, like using fungicides to target these symbionts and control pest populations. While the scientific findings are well explained, the response could benefit from a deeper exploration of how these changes impact ecosystems or our understanding of symbiosis. For instance, how might this affect other organisms that depend on aphids, or what ethical questions could arise from deliberately eliminating symbiotic fungi? Those aspects are not deeply explored here, but the response still demonstrates a solid understanding of the passage.

C. I think zombie stories are cool, and this kind of reminds me of a video game I played where a fungus takes over people and turns them into monsters. It was kind of like what this fungus does to ants. The game had a similar name too. I think this topic is probably good for people who like science fiction. Maybe they got the idea from real life. I'm not really into bugs or science, but I like it when it's in a movie or something. I have not analyzed the whole thing too carefully, but it seemed interesting.

D. The fungus in the story is very strange and creepy. It takes over ants and other bugs, which makes them behave differently. I found that part very disturbing, especially the part where the fungus grows out of the ant's head. I didn't know nature could be so cruel. Then it talks about other bugs like aphids, and how the fungus helps them instead. That part was a bit confusing because I thought fungi were always bad. I guess they're not.

In my opinion the whole thing is just gross and weird. It's interesting to learn that scientists are studying these things, but I don't understand why we need to know all this. I suppose if they can use it for farming, maybe it's helpful. But I wouldn't want to

study something like this myself. Just thinking about bugs getting infected makes me uncomfortable. I wouldn't want to see that in real life. Nature is weird and sometimes scary.